

Casas, ruínas, lembrar e esquecer



Por **ERNANI CHAVES***

Considerações sobre “Meio-dia”, livro recém-lançado de Henry Burnett

Há uma “*Imagem de Pensamento*”, escrita por Walter Benjamin em 25 de fevereiro de 1933, que se chama “Sombras curtas”, na qual ele nos lembra que quanto mais se aproxima o meio-dia, mais as sombras ficam mais curtas, a tal ponto que chegam a desaparecer, se recolhendo à sua estrutura misteriosa, deixando para nós apenas a curiosidade em saber qual é o enigma, que sempre carregam. Entretanto, continua ele, o meio-dia é também a “hora de Zaratustra”, o pensador do “meio dia da vida”, a hora em que “como o sol a pino, o conhecimento delineia as coisas com o máximo rigor”.

Quando recebi o livro de Henry Burnett, o seu título me lembrou, imediatamente, essa “imagem” de Walter Benjamin. Uma imagem enigmática, na qual o pensador alemão não deixa de acenar para a possibilidade de um conhecimento, cujo brilho é tão intenso quanto o sol do meio-dia. Mas, por outro lado, esse brilho é fugaz e transitório, uma vez que logo em seguida as sombras voltam a aparecer, enquanto seu segredo permanecerá sempre oculto. Benjamin fala aqui de uma outra temporalidade, a qual, sob a inspiração de Nietzsche, diz respeito a uma espécie de intensificação do instante.

Este não é o momento, é claro, de uma exegese conceitual, que tentaria mostrar porque Benjamin se referiu à seção “Do meio dia” da quarta parte de *Assim falou Zaratustra*. Contento-me apenas em dizer que a hora do meio-dia é para “Zaratustra” atravessada por um sentimento de felicidade e alegria, a hora da eternidade do instante, a hora em que o silêncio deve substituir o canto. Como se o passado estivesse em suspenso e o futuro, apenas uma orla pouco nítida e incomensuravelmente distante.

Mas, há um outro lado nessa imagem benjaminiana que se conecta com outros elementos e que diz respeito, justamente, à memória e ao esquecimento. Fugazes e transitórios são também os lampejos da memória, assim como os do esquecimento. Mais um horizonte nietzschiano, do qual Benjamin se apropria: nem o ideal de uma memória plena e completa, na qual não há lugar para o esquecimento, nem o esquecimento como simples apagamento, como se esquecer de tudo, em especial do que causa dor e sofrimento, fosse uma espécie de bálsamo salvador.

O meio-dia poderia então ser pensado também como o encontro feliz entre a necessidade radiosa de uma memória, que vence o esquecimento e, por outro lado, as sombras curtas – uma imagem do esquecimento? – que insistem em reaparecer, depois que, momentaneamente, se esconderam. O conhecimento que se delineia com o máximo rigor à luz do meio-dia é aquele que não pode surgir sem as sombras curtas. O esforço de lembrar é, certamente, o esforço para não esquecer. Mas, esse esforço é apenas um esforço. Nada garante, de antemão, o seu êxito.

O livro de Henry Burnett – nome estrangeiro e estranho, para quem nasceu em Belém – é marcado por esse esforço de lembrar, de não deixar que sua história caia no esquecimento. História ao mesmo tempo pessoal e social, pois inseparável de sua experiência com a cidade natal e com as outras cidades por onde passou sem, entretanto, deixar de assinalar, aqui e ali, às vezes com sutileza, outras com insistência, o quanto o lembrar e o esquecer se enredam e se nutrem um do outro. Me desviando da imponência de figuras como as da tia Lucy e a do pai, por exemplo, apresentadas sem comiseração nenhuma, sou capturado por essas figuras do esquecer necessárias para o esforço da lembrança, que se encontram muito mais presentes em objetos em vias de desaparecer. Dentre esses objetos, falemos assim, a casa ocupa um lugar especial.

Inteiramente desprovidas da sua função de “coisa que abriga”, as casas aparecem nessas memórias impregnadas pelos afetos contraditórios trazidos pela urgência em lembrar. Seja a casa da tia, desaparecida entre as casas comerciais de hoje, que não pouparam nem mesmo a primeira livraria conhecida pelo “narrador” chegando na adolescência (não há lugar mais para livrarias, a não ser em shoppings) e que o adulto já não consegue mais reconhecer e da qual restou uma estante de livros, ganhada como uma espécie de herança, quando a casa foi vendida. Ou ainda, na imagem da casa de Ananindeua, seu muro e o algodão no quintal, que impregnaram a memória, a tal ponto, nos diz Henry, que ele não pode mais esquecê-la, apesar do curto espaço de tempo que lá morou, na entrada da adolescência. Ou ainda a casa do amigo Alex, onde o tempo parecia não passar e onde uma outra ideia de família aparecia diante dos seus olhos. Mais uma casa, só que nesta a sensação de estrangeiro e estranho que o marca desde o seu nome encontrava uma espécie de delicado acolhimento, essa casa era, como ele mesmo diz, um “lugar”. *Ein Heim, kein Haus*.

Há também a casa do tio no interior, para as férias ou para os finais de semana, cheia de goteiras, que tinham a nobre função de refrescar o menino do calor inclemente, mesmo à noite. “Casa úmida”, título de uma das “imagens de pensamento” presente nesse livro, sintetiza essas histórias de casas atravessadas pela inclemência do tempo, cujas ruínas a memória não apenas registra, mas insiste também em assinalar o que havia de ausência, de falta, de um vazio que, provavelmente, nenhuma palavra, nenhuma lembrança ou mesmo qualquer renúncia ao lembrar, pode preencher.

É como se, exemplarmente, nesse turbilhão de afetos colados a imagens do que está em vias de desaparecimento ou que já desapareceram, ainda possamos reconhecer, num átimo de segundo, a intensa claridade do meio dia e o recolhimento das sombras ao seu segredo.

***Ernani Chaves** é professor titular da Faculdade de Filosofia da UFPA. Autor, entre outros livros, de *No limiar do moderno (Pakatatu)*.

Referência

Henry Burnett. *Meio-dia*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2021.